

RESENHA

PRAÇAS BRASILEIRAS. *PUBLIC SQUARES IN BRAZIL.*

Fabio Robba & Silvio Soares Macedo.

São Paulo: Edusp, 2003

Natália Micossi da Cruz¹

No livro *Praças Brasileiras* (EdUSP, 2003), os autores Fabio Robba e Silvio Soares Macedo abordam a temática das praças sob três aspectos: o primeiro refere-se à evolução e utilização das praças ao longo da história; o segundo analisa suas linhas arquitetônicas, e o terceiro constitui-se em uma breve análise das principais praças de algumas cidades brasileiras.

Robba e Macedo destacam, na primeira parte do livro, a gênese destes espaços públicos no país, no período colonial, cuja ‘construção’ foi determinada pela Igreja (visto que a praça, na época, era tida como uma extensão da capela). Em seguida, traçando um histórico, definem as diferenças conceituais entre praças, jardins, e praças ajardinadas, levando em consideração as funções a que se destinam, ao longo de um processo evolutivo que chega, nos dias atuais, às praças modernas.

As praças possuíam, no Brasil-colônia, um aspecto religioso preponderante, apesar de também ser exercida ali a função comercial. Os jardins eram restritos às propriedades religiosas, aos quintais residenciais, ou funções de pesquisa e investigação florística, não destinados ao uso público. As praças ajardinadas eram destinadas às atividades de recreação, ao lazer contemplativo, à convivência da população e ao passeio, “*possuindo algumas normas de conduta e comportamento bastante rígidas e hierarquizadas*”. É destacado pelos autores o aspecto econômico da construção das praças ajardinadas, que fez com que a população mais pobre se deslocasse para as periferias, num processo fomentado pelas políticas sanitaristas vigentes e por planos de embelezamento. A praça moderna engloba áreas de lazer ativo, com quadras poliesportivas e brinquedos para as crianças, requeridas pela própria sociedade.

Caracterizando o processo de modernização/urbanização, os autores ressaltam a necessidade de ampliação e melhoria da infra-estrutura urbana, com relação ao transporte, habitação e lazer. A metropolização fez com que os espaços livres públicos se tornassem indispensáveis e multifuncionais. As praças adquirem cada vez mais valores ambientais, funcionais e estéticos/simbólicos, e funções variadas conforme a sua localização. Assim, podem amenizar as condições climáticas (principalmente quando implantadas nas áreas centrais), representar uma das principais opções de lazer em determinados bairros ou servir como referência e embelezamento urbano. Hoje, denotam-se, com maior frequência, políticas de educação ambiental que atentam para a necessidade de valorização e conservação das praças. Entretanto, ainda imperam, na maioria das cidades brasileiras, problemas quanto à sua manutenção e gerenciamento.

Na segunda parte do livro, são caracterizados os estilos de construção das praças, evoluindo do ECLETISMO colonial para o MODERNISMO, passando por um momento de

¹ Graduanda de Geografia do IGCE-Unesp, campus de Rio Claro, Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, Processo n° 502437/2004-9, vinculada à Pesquisa CNPq, Processo n° 304371/2002-5. Membro do Grupo de Pesquisa do Diretório do CNPq “Análise Territorial e Planejamento”, nmcruz@rc.unesp.br

transição em que se destaca a figura marcante de Burle Marx, até atingir a praça CONTEMPORÂNEA multifuncional que, atualmente, passa por um processo de revitalização e valorização histórica.

Aqui, os autores destacam também que os desenhos das praças foram se transformando, à medida que iam se alterando as principais atividades desenvolvidas nos espaços livres de uso público. No ecletismo, a contemplação da natureza, o passeio e a convivência social eram predominantes. Assim, as praças se dividiam em duas linhas: a clássica (que segundo os autores “*estruturou-se sobre uma rigidez geométrica no traçado e plantio, buscando sempre a ortogonalidade e a centralização*”) e a romântica, com “*linhas orgânicas e sinuosas, a cenarização e a vegetação exuberante (...) também pontuados pela presença de equipamentos pitorescos, como grutas artificiais, malocas, castelinhos, pavilhões, pontes imitando troncos de árvores, estátuas (...) buscando criar uma atmosfera arcade*”.

No Modernismo, difundiu-se a prática de atividades esportivas e de lazer cultural, requisitando a implantação de quadras de esportes, playgrounds, anfiteatros e palcos. Constata-se também a difusão dos “calçadões”, trechos de ruas pedestrianizadas, com o intuito de “*preservar a integridade e evitar possíveis fugas de investimentos e usuários*” e revitalizar o comércio local que sofria a concorrência dos comércios dos bairros e dos *shopping-centers*.

Por sua vez, as Praças Contemporâneas são reflexos da diversidade cultural da sociedade atual. Tais praças assumiram elementos, desenhos, cores, materiais e formas variadas. Além do uso contemplativo, da convivência social e do lazer ativo, destaca-se aqui a atividade comercial, numa tentativa de atrair para as praças um público maior.

Na parte final do livro, são apresentadas algumas das principais praças de 17 cidades brasileiras, trazendo informações básicas como nome, endereço, estilo, autor do projeto, representação gráfica (esboço) da praça, elementos complementares referentes à infra-estrutura das praças, tais como bancos, bancas, coreto, fontes, lixeiras, mesa para jogos e/ou piquenique, playground, quadras, mirantes, bustos/monumentos/esculturas, pontos de ônibus/táxi, posto policial, lojas comerciais, palco, anfiteatro, Igreja, equipamentos para ginástica, pista de *cooper*, arquibancada, lanchonete, campo de malha/bocha, lago, sanitários, bebedouros, espaços temáticos, viadutos, acesso a metrô, etc., e atividades a que se destinam, tais como contemplação, esportes, recreação infantil, circulação, feiras, eventos culturais, religiosos ou políticos/cívicos, comércio e serviços.

Um dos aspectos mais interessantes de *Praças Brasileiras* é a caracterização das praças pela arquitetura, sem esquecer do aspecto socioeconômico da evolução das praças, em que a sociedade atua como vetor principal das mudanças funcionais e estruturais destes espaços livres de uso público.